

A UTILIZAÇÃO DE ENTEÓGENO NA RELIGIÃO BRASILEIRA UNIÃO DO VEGETAL: UMA PERSPECTIVA DE REDUÇÃO DE DANOS

Nara Côrtes Andrade¹
Pedro Hernando Pairazamán Díaz²

RESUMO: *No presente artigo, analisaremos, à luz de algumas das teorias que partem do modelo biopsiquicossocial e de práticas derivadas dessas teorias, a utilização de enteógenos em uma das religiões brasileiras surgidas em meados do séc. XX, a União do Vegetal. O uso ritualizado dessa substância psicoativa, denominada de hoasca, partiu das sociedades indígenas da Amazônia, difundindo-se entre seringueiros na floresta, sessões de cura feitas nos Andes e entre cultos urbanos no Brasil e no mundo (dentre os quais se encontra a religião citada). Argumentamos que a ritualização e o estabelecimento de normas sociais para o consumo de substâncias psicoativas atuam, muitas vezes, como redutoras de danos, proporcionando um “uso controlado”, em que as regras, valores e padrões de comportamentos viabilizados, nesse grupo cultural específico, proporcionam baixos custos “biopsiquicosocioeconômico” para o indivíduo e seu meio.*

Palavras-chave: Substância psicoativas; Redução de danos; Rituais.

Em distintos momentos da história da humanidade, entre vários grupos sócio-culturais, as substâncias psicoativas geralmente eram utilizadas - e em alguns grupos ainda são - como reforçadores dos valores da sociedade e não como ruptura, sendo raramente vistas como perturbadoras da ordem social. Porém, no início do séc. XX, a liberdade de acesso e consumo das substâncias psicoativas que imperavam na sociedade ocidental começa a ser tratada como problema. Segundo Escohotado (1994), isso se dá por influência de dois fatores principais: uma vigorosa reação puritana nos Estados Unidos, em que associam as distintas substâncias a distintos grupos étnicos que são vistos pelos puritanos com bastante desconfiança; e a progressiva liquidação do estado mínimo, com aumento dos recursos burocráticos para lidar com a reação entre capital e trabalho, tendo como uma de suas conseqüências um crescente monopólio sobre as drogas por parte de médicos e farmacêuticos, assumindo as competências antes atribuídas a eclesiásticos, curandeiros e herboristas. Na mesma direção, em 1869, constituiu-se nos EUA o “Prohibition Party”, que teve início com a lei seca e foi efetivado em “um documento conjunto onde declaravam que as drogas eram substâncias infernais se fossem utilizadas para diversão ou sem regime de medicação e ‘benditas’ caso se mantivessem dentro das diretrizes da receita médica administrada e vigiada por médicos e farmacêuticos” (ESCHOTADO, 1998). A partir daí se segue uma onda de proibicionismo no que diz respeito às substâncias psicoativas. Vale ressaltar que os EUA não restringiram sua ideologia e ação ao seu próprio território, colocando-se como aquele que iria redimir o mundo do poder demoníaco dessas substâncias. Após a queda da URSS, essa situação se agrava, e as “drogas” passam a ser

¹ Estudante do Curso de graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. E-mail: andrade_nara@yahoo.com.br; autor. Orientador: Edward John Baptista das Neves MacRae, Sociólogo, Professor Doutor do Departamento de Antropologia da FFCH/UFBA. E-mail: macrae@uol.com.br.

² Psicólogo formado pela Universidad Nacional Mayor de San Marcos – Lima, Peru e aluno especial do mestrado do Instituto de Saúde Coletiva e da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal da Bahia. E-mail: phpd_79@yahoo.com; autor.

colocadas como inimigo primeiro dos EUA, sendo feita uma verdadeira guerra contra as mesmas, explicitadas em programas anti-drogas como aqueles efetivados no Peru e na Colômbia com a justificativa de erradicação de cultivos de coca. A partir dessas perspectivas e ações, o estudo e o poder de “dizer” sobre as substâncias psicoativas ficam ainda mais centrados sobre o poder da medicina e ciências correlatas, predominando a visão farmacológica, determinando seus efeitos unicamente a sua ação fisiológica. Nesse processo, as substâncias psicoativas são coisificadas e deixam de ser vistas como relação.

O modelo biopsiquicossocial veio contrapor esse paradigma, propondo que os efeitos das drogas variam não só de acordo ao tipo de ação farmacológica que ela tem sobre o indivíduo que a ingere, mas também dependem de sua estrutura psíquica, do momento em que a pessoas se encontram, da quantidade ingerida, do conhecimento acerca da substância e da situação social em que é utilizada. Ou seja, atualmente há o reconhecimento da necessidade de abordar a questão de forma mais ampla e complexa.

Autores como Zimberg, Grund, Adiala, dentre outros, vêm discutir a necessidade de levar em conta o conhecimento detido pelo grupo que utiliza determinada substância acerca da mesma, assim como valores, estrutura de vida do usuário, grau de disponibilidade da substância, regras de conduta e rituais sociais. Dentro dessa perspectiva de entendimento, surge também a abordagem de redução de danos.

A partir dessas perspectivas, analisaremos a utilização de enteógenos - “substâncias psicoativas que, pela natureza visionária de seus efeitos, têm sido usadas no decorrer da história da humanidade com fins mítico/religiosos” (MacRae, 1992, p.23) – em uma das recentes religiões brasileiras surgidas no séc. XX, a União do Vegetal (UDV)³. A UDV foi criada em 1961 por José Gabriel da Costa (ex-seringueiro), considerado por seus discípulos como Mestre Gabriel. O uso ritualizado dessa substância psicoativa - denominada usualmente de ayahuasca, e, dentro do contexto da UDV, de hoasca ou vegetal - partiu das sociedades indígenas da Amazônia, difundindo-se entre seringueiros na floresta, sessões de cura feitas nos Andes e na floresta Amazônica e entre cultos urbanos no Brasil e no mundo (dentre os quais se encontra a religião citada). A hoasca é um chá preparado a partir de duas plantas: um cipó – *Banisteriopsis caapi*, denominado dentro da UDV como mariri, e um arbusto – *Psychotria viridis*, a chacrona. Segundo MacRae (1992), apesar de desenvolver-se em contextos urbanos ou semi-urbanos, tal religião – assim como outras religiões, a exemplo do Santo Daime e da Barquinha, desenvolvidas em contexto semelhante e que utilizam a mesma substância psicoativa – conserva saberes, desenvolvidos e mantidos por xamãs de sociedades tribais amazônicas e de culturas mestiças que vivem em centros urbanos, acerca da utilização de variedades botânicas. Apesar disso, distanciam-se das práticas curandeirísticas praticadas por xamãs, na medida em que, ao adaptar-se a novas condições culturais, sociais e ecológicas, têm-se voltado predominantemente ao desenvolvimento do auto-conhecimento e conhecimento acerca de questões existenciais (vida, morte, sofrimento...).

Dentre as teorias referidas anteriormente, Grund (1993) propõe um modelo de “auto-regulação da droga” - processo multidimensional referente à prevenção, ao uso e administração dos problemas relacionados - baseado em três aspectos:

- **Disponibilidade da substância:** quando esta é irregular, os rituais e regras ao redor da substância ficam menos direcionadas à auto-regulação e à proteção a saúde, e pode haver uma fixação em conseguir a substância e sobre elas mesmas, podendo gerar limitações comportamentais enquanto estiver em demanda, além de consumo excessivo e impulsivo

³ Para saber mais sobre a estrutura e organização da União do Vegetal Vide: GENTIL, L. R. B. e GENTIL, H. S. O uso de psicoativos em contexto religioso: a União do Vegetal. In: LABATE, B. C. e ARAÚJO, W. S. (Orgs). O Uso Ritual da Hoasca. Campinas: Mercado das letras, 2002.

quando disponível. Ou seja, segundo este autor, as regras e rituais voltam-se a questões como sigilo, dissimulação, facilitação do uso, etc. Já uma suficiente disponibilidade possibilitaria uma situação em que se pode desenvolver rituais e regras que restringem o consumo e induzem padrões de uso estável. Nas novas religiões brasileiras, citadas acima, que têm como uma das bases o consumo da hoasca, a disponibilidade dessa substância é estável. Isso é devido ao fato, por exemplo, de ser uma substância que não é ilegal, evitando tráfico e possibilitando que o plantio dos elementos utilizados e seu preparo sejam feitos pelos próprios membros do grupo. Vale ressaltar que a disponibilidade é estável, mas não liberada a todo o momento. O uso só é permitido em sessões da UDV ou em momento de preparo do chá, e é controlado por aqueles considerados mestres por tal religião.

Ainda que Grund (1993) não ressalte, acrescentaríamos ser parte importante desse tópico a forma de acesso à substância. Um acesso marginalizado pode gerar conseqüências sócio-psíquicas e até mesmo físicas para aquele que consome, pois este é submetido a estressores tais como situações violentas na compra das substâncias, abordagem agressiva por parte de policiais, exclusão social, dentre outros. No caso da União do Vegetal, esse acesso é de certa maneira tolerado pela cultura hegemônica e legitimado por esse grupo cultural específico. Como dito acima, na UDV, a disponibilidade da hoasca é estável, e a via de aquisição passa pela figura do mestre e é regulada por ele, pois controla a disponibilidade da substância, quantidade, quando tomar, em que situações, etc.

➤ **Rituais e regras:** visam controlar ou regular a experiência do uso da substância. Na União do vegetal, assim como em outros rituais, o uso é regulamentado por uma série de valores, normas, formas estereotipadas de comportamento e é embutido de uma grande carga emotiva.

O uso da hoasca e a transmissão da doutrina⁴ na UDV são feitos de forma criteriosa, dentro das sessões – denominação dada ao ritual onde o chá é ingerido. Existem as chamadas sessões de escala – periódicas, geralmente aos primeiros e terceiros sábados do mês, ao qual têm acesso todos os sócios; as sessões de escala anuais – feitas em datas festivas para UDV; as sessões instrutivas – realizadas exclusivamente para os pertencentes a uma determinada categoria, “o corpo instrutivo”; e as sessões em que são acolhidos os “novatos”, pessoas que nunca freqüentaram.

Existe uma hierarquia bem estabelecida composta por quatro segmentos, explicitada pelo uniforme utilizado durante a sessão:

1. Quadro de mestres (responsáveis pela transmissão da doutrina), que, por sua vez, está hierarquizado crescentemente em termos de cargos de direção: mestre, mestre representante, mestre central e mestre geral representante.
2. Corpo do conselho (responsável pelo aconselhamento dos membros e apoio direto aos mestres);
3. Corpo instrutivo (pessoas escolhidas que se encargam de funções como leitura do estatuto, monitoramento durante as sessões dos demais membros...);
4. Quadro de sócios (composto pelos demais discípulos).

A doutrina da UDV é regida por uma conduta ética e uma moral bastante rígida, sendo explicitada tanto de forma oral, maneira predominante de difundir a doutrina, seja através do estatuto – instrumento escrito, lido no início de todas as sessões de escala, que define regras (direitos e deveres de mestres e discípulos e funcionamento de toda a instituição) e que é tido como um conjunto de leis que proporcionam a transformação do

⁴ A doutrina da UDV tem como base o cristianismo, utilizando-se também de muitos elementos indígenas (pela própria origem da hoasca) e afro-descendentes (Mestre Gabriel antes de fundar a UDV participava de rituais religiosos afro-descendentes).

sujeito no sentido do desenvolvimento espiritual. Ressalta-se que, apesar de estabelecer um implícito “código de conduta”, há ênfase na questão da liberdade de escolha individual, explicitado também pelo estatuto, sobre a ótica de que, caso não se esteja de acordo com o mestre, não se deve segui-lo. A ascensão dos discípulos em relação aos segmentos hierárquicos em que está subdividida a UDV é regida pelo mestre em representação (autoridade máxima de um determinado centro – núcleo, da UDV) e tem como critério básico um comportamento condizente com a doutrina, além do que definem como grau de espiritualização e grau de memória (quanto o indivíduo é capaz de lembrar acerca da sua experiência após uma sessão). Da mesma maneira em que ascendem os discípulos, podem ser rebaixados do grau que estão ocupando e até mesmo afastados da instituição caso seja enquadrado em uma das leis do estatuto ou a critério do mestre em representação. Há também sanções àqueles mestres que abusam de sua autoridade, tendo diversos artigos que asseguram o controle institucional. Ou seja, há uma série de normas tanto explícitas como implícitas, leis e rituais que controlam o uso da hoasca.

É interessante observar o que Grund (1993, p.246) salienta, para “manter atividades esquematizadas e cumprir obrigações sociais, etc. – assim mantendo uma estrutura de vida em alto grau – requer cuidadosa administração do consumo de drogas e atividades correlatas. Tal desenvolvimento depende do desenvolvimento de rituais e regras”. E é justamente isso que se observa no contexto da União do Vegetal.

➤ **Estrutura de vida:** Como dito acima, para manter a estrutura de vida, é fundamental a presença de rituais e regras que regulem o consumo da substância. Na União do Vegetal, e em religiões similares, isso se dá não somente devido à regulação do uso, mas também a um forte conjunto de preceitos morais que é proposto, como, por exemplo, o não-consumo de outras substâncias (álcool, maconha, cocaína, etc.), a forma de organização da família (que é estabelecida dentro do modelo de família nuclear judaico-cristã), dentro outros.

Grund (1993) ressalta que a interação entre esses três fatores – disponibilidade da substância, rituais e regras e estrutura de vida - se dá de forma dinâmica, num processo circular internamente coerente em que cada fator é modulado por seus próprios resultados e pelos resultados dos outros dois. Ressalta ainda que não é um circuito fechado e independente, já que cada um dos fatores é afetado pelos demais e depende de determinantes externos. Esse autor propõe o seguinte esquema, denominado modelo de retro alimentação de auto-regulação do uso de substâncias psicoativas (Figura 1):

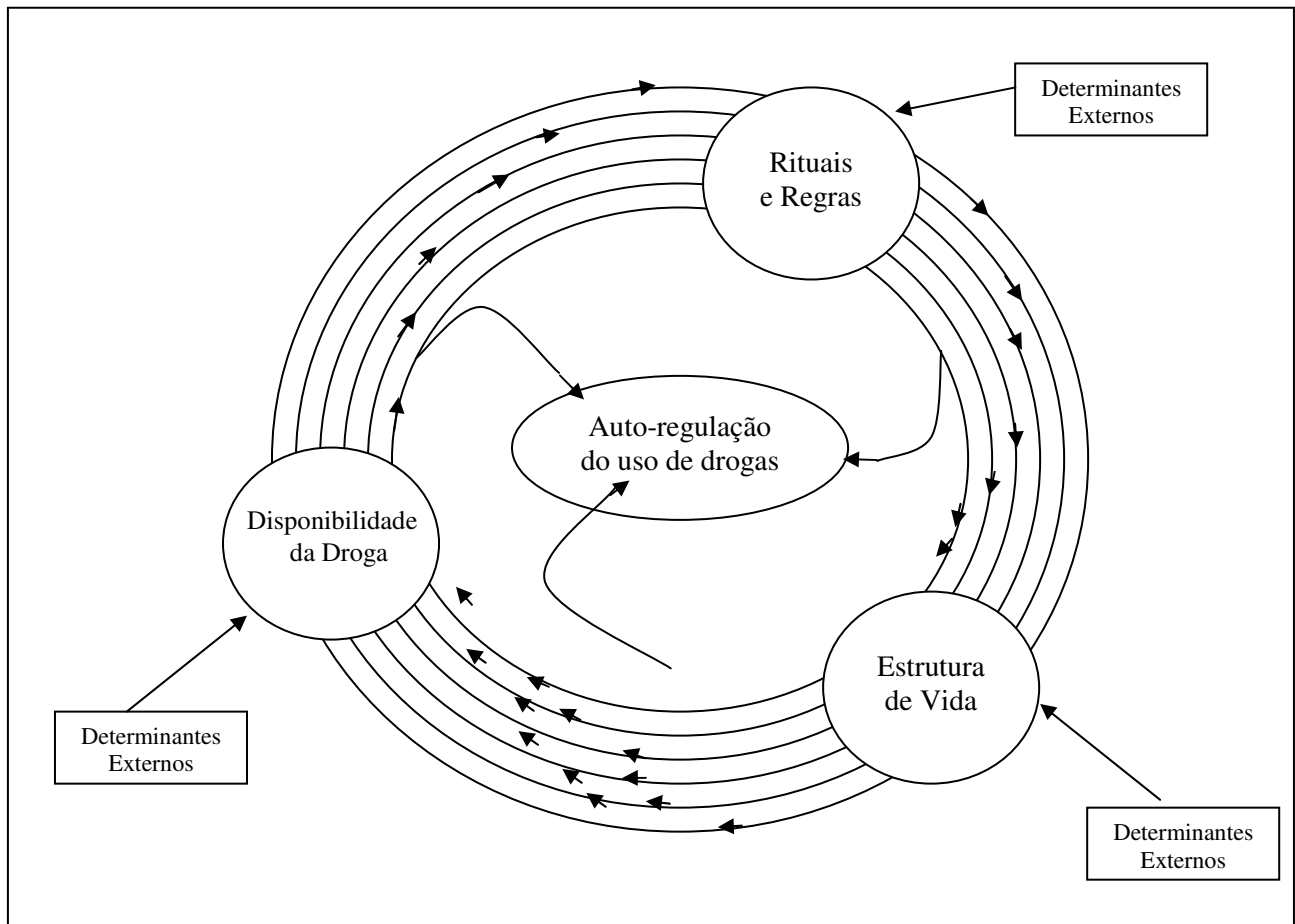


Figura 1- Modelo de retroalimentação de auto-regulação do uso de substâncias psicoativas
Fonte: GRUND, 199, p.218

Além de Grund, outros autores, como Zimberg e Adiala, propõem questões relevantes para compreender o que Zimberg chama de “uso controlado” (com baixos custos sociais, e acrescentaríamos também baixos custos físicos, psíquicos e econômicos) das substâncias psicoativas.

Segundo Adiala, a importância da droga está menos na propriedade química do que na simbólica. A forma como se vê a hoasca não é como alucinógeno ou até mesmo como substância psicoativa, em termos de representações simbólicas e sociais, mas como uma mestra, uma planta professora que vem ensinar ao que a ingere com grandes poderes e até mesmo vontade própria, sendo que através dela é possível entrar em contato direto com a dimensão espiritual. Não se vê o sócio ou frequentador da União do Vegetal como usuário de drogas e a ingestão de outras substâncias psicoativas é condenada por essa instituição, pois, como ressalta Zimberg (In: MacRae, 1992), há uma definição de que uso aceitável e condenação dos que fogem a esse padrão. O uso é limitado a meios físicos e sociais que proporcionem experiências seguras e positivas (Zimberg, In: MacRae, 1992), já que as sessões se dão em locais específicos (núcleo e pré-núcleos), geralmente bastante agradáveis (cadeiras, ambientes fechados, limpos...) e afastados do meio urbano. Observa-se também uma ampla rede social e uma estrutura que apóia e monitora tais experiências, realizadas especialmente pelos conselheiros e pessoas do corpo instrutivo, mas também por discípulos que frequentam há mais tempo a instituição. Esse autor

ainda destaca a importância do grupo em identificar efeitos potencialmente negativos, sendo que os padrões de comportamento a serem tomados antes, depois e durante o uso indicam as formas de precaução. Ainda que nem todas as medidas para prevenção de efeitos negativos colocadas pelas regras e conselhos que atuam no âmbito da União do Vegetal sejam comprovadas cientificamente, existe uma série delas, como: misturar o vegetal com outras de substâncias como álcool ou maconha, assim como não alimentar-se antes e após a sessão, pode provocar efeitos indesejados; levando em conta que a redução de danos é uma atuação prática que se baseia na tentativa de prevenir e/ou minimizar os efeitos adversos do consumo de substâncias psicoativas do ponto de vista da saúde física, psíquica, social e econômica, sem buscar primariamente a redução desse consumo, e que a prática da redução de danos, na maioria das vezes, consiste em intervir em contextos socioculturais e físicos em que se dá o uso da substância psicoativa, visando evitar efeitos indesejados seja no nível pessoal, seja no social. Concluímos que, no caso da União do Vegetal, as funções simbólicas da substância são de fundamental importância e os rituais sociais envolvidos no consumo da hoasca atuam como redutor de danos na medida em que proporcionam, como explicitado acima, uma minimização bastante sensível dos possíveis efeitos adversos que poderiam advir do seu consumo⁵. Seria o que Zimberg (In: MacRae, 1992) denomina, contrapondo o que ele chama de “uso compulsivo” - que acarretaria altos custos sociais, sendo seu uso disfuncional e intenso- um “uso controlado” em que as regras, valores e padrões de comportamentos viabilizados por esse grupo cultural específico proporcionam baixíssimos custos “biopsíquicosocioeconômico” para o indivíduo e seu meio.

REFERÊNCIAS

- ADIALA, J. D. O Problema da Maconha no Brasil: ensaio sobre racismo e drogas. **Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro – Série Estudos**, Rio de Janeiro, n. 52, Out/1986.
- BECKER, H. **Uma Teoria da Ação Coletiva**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- BRISSAC, Sérgio. **José Gabriel da Costa**: trajetória de um brasileiro, mestre e autor da União do Vegetal. In: LABATE, B. C. e ARAÚJO, W. S. (Orgs). **O Uso Ritual da Ayahuasca**. Campinas: Mercado das letras, 2002
- ESCOHOTADO, A. **Las Drogas: de los origenes a la prohibición**. Madrid: Alianza editorial, 1994.
- ESCHOTADO, A. **La Prohibición de las Drogas**, 1998. Disponível em: <<http://www.laguillotina.net/40ocho.htm>>. Acesso em: 29 jun. 2005.
- GENTIL, L. R. B. e GENTIL, H. S. **O Uso de Psicoativos em Contexto Religioso**: a União do Vegetal. In: LABATE, B. C. e ARAÚJO, W. S. (Orgs). **O Uso Ritual da Ayahuasca**. Campinas: Mercado das letras, 2002
- GRUND, J. P. C. **Drug Use as a Social Ritual – functionality, symbolism and determinants of self-regulation**. Rotterdam: Institut voor Verslavingsondersoek, 1993.

⁵ Ver também estudo desenvolvido por MacRae (1992) acerca da utilização de enteógenos na religião do Santo Daime.

LABATE, B. C. e ARAÚJO, W. S. (Orgs). **O Uso Ritual da Ayahuasca**. Campinas: Mercado de letras, 2002

MACRAE, E. J. B. N. **Ritual Controls of Ayahuasca in the Santo Daime Religion**. In: 9th International Conference on the Reduction of Drug Related Harm, 1998, São Paulo. 9th International Conference on the Reduction of Drug Related Harm, 1998. p. 32.

MACRAE, E. **Guido pela Lua: xamanismo e uso ritual da Hoasca no culto do Santo Daime**. Ed. Brasiliense: 1992.

WODAK, Alex. **Redução de Danos e Programas de Trocas de Seringa**. In: Troca de Seringas: drogas e AIDS. Ciência, Debate e Saúde Pública. Ministério da Saúde: Brasília, 1998.